



“Educação como prática de Liberdade”:  
cartas da Amazônia para o mundo!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)  
SET-OUT 2021

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

10005 - Resumo Expandido - Trabalho - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT21 - Educação e Relações Étnico-Raciais

IDENTIDADES NEGRAS NA UNIVERSIDADE

Tatiane de Oliveira - UFMT/Campus de Cuiabá - Universidade Federal de Mato Grosso

## IDENTIDADES NEGRAS NA UNIVERSIDADE

### Resumo

O objetivo deste trabalho é de levantar aspectos fundamentais da presença de corpos negros para a (re)construção das identidades negras, no contexto das ações afirmativas, na Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). A pesquisa foi de abordagem qualitativa, com base nas narrativas de vida em perspectiva etnossociológica, de estudantes e professores. Ela aponta para a importância da educação antirracista por meio da representatividade dos corpos negros na universidade, que funciona também para fortalecer as identidades negras e problematizar as vantagens da branquitude nesse espaço.

**Palavras-chave:** Identidades Negras. Relações Raciais. Universidade

### Introdução

Este texto, fruto de dissertação de mestrado em educação, utiliza-se das narrativas de vida de estudantes e professores da UFMT. Objetivou-se levantar aspectos fundamentais da presença das identidades negras na (re)construção das identidades negras no contexto das ações afirmativas.

A universidade, antes das ações afirmativas com recorte racial era, majoritariamente, um espaço subrepresentado da população negra, assim, este trabalho busca responder: como ocorre a dinâmica das relações raciais no contexto de uma maior inserção de negros/as na universidade?

Em relação ao gênero das palavras, demarco o feminino na intenção de minimizar o poder masculino exercido em diversos aspectos da vida cotidiana e acadêmica (SAFFIOTI, 1987). O termo “negro/a” é utilizado numa dimensão política e polissêmica considerando as dinâmicas de suas vivências no contexto brasileiro. Entende-se raça como categoria social e política explicativa da realidade social produtora de hierarquias raciais mantenedoras das desigualdades e dos privilégios, desvinculando-se de determinismos biológicos ou culturais. A escolha por utilizar “corpos negros” dá-se na tentativa de colocar em evidência a exclusão desses corpos em muitos espaços, bem como para refletir sobre os corpos negros “mortos” esparramados pelas ruas e cidades, às vezes por asfixia, às vezes por balas etc.

Diante do exposto, abaixo, apresento o caminho metodológico, as discussões e resultados e, por fim, as considerações finais da pesquisa.

## Caminho metodológico

A abordagem metodológica é qualitativa e permite analisar as relações entre os sujeitos sociais, sem rejeitar as suas vivências (MINAYO, 2010). A coleta dos dados foi realizada de fevereiro a junho de 2019. Primeiro foram utilizadas as observações participantes nos grupos que discutem as questões raciais (RICHARDSON, 1999). Em seguida, foram realizadas as entrevistas semiestruturadas (MINAYO, 2010).

Os sujeitos pesquisados são os/as estudantes e professores/as negros/as e brancos/as, da UFMT. Para sigilo, os nomes foram substituídos por nomes africanos. Os cursos foram separados em as “áreas moles” (SANSONE, 1996), onde é mais fácil encontrar o/a negro/a e em “áreas duras”, onde é mais difícil, ainda mais no contexto anterior às ações afirmativas.

## Discussão e resultados

Para lembrar um famoso brasileiro, Raul Seixas já cantava: “[...] a arte é o espelho social de uma época. O que um cantor faz, reflete o momento social em que ele está vivendo” (FERREIRA, 2013). Aproveitando-me desta visão de “espelho social”, perguntei como o/a estudante percebe a presença dos/as negros/as na universidade.

[...] Eu tinha uma percepção menos ainda de pessoas negras na universidade e quando eu cheguei aqui eu vi até uma certa surpresa por ter mais (negros) do que eu imaginava, não tem um monte, mas têm muito mais do que eu imaginava né... (GYASI, negra, estudante de Engenharia Ambiental e Sanitária, 17.06.2019).

[...] Acho que vem ampliando a presença dos negros na UFMT [...] (AISHA, branca, professora de Psicologia, 11.07.2019).

De quatro anos pra cá esse quantitativo (de negros) vem crescendo [...]. Vejo estudantes negros, com cabelo assumido (ADANNA, negra, estudante de Psicologia, 17.06.2019).

Esta “surpresa” que a estudante negra Gyasi teve com mais negros/as na universidade, e da pertinente percepção de que ainda não tem “um monte”, narrativa que corrobora a da professora branca Aisha, “que vem ampliando a presença de negros”, mostra que esses/as começam a ter “espelhos sociais”, ou seja, os/as negros/as passam a ter mais representatividade identitária, o que resulta em reflexões sobre as diferentes identidades, culturas, costumes, valores, estéticas, saberes, metodologias de ensino, educação antirracista etc.

A estudante negra Adanna relaciona a percepção do aumento de negros com o “cabelo assumido”. O cabelo, que também faz parte do corpo, tem importantes e diferentes significados e representações para os/as negros/as, todavia é utilizado, muitas vezes, para inferiorizá-los/as, destaque às mulheres negras neste sofrimento. O cabelo é um meio de construção social e político da beleza negra (GOMES, 2006). Portanto, “aceitando-se, o negro firma-se cultural, moral, física e psicicamente. Ele se reivindica com paixão [...] verá nele traços de beleza e feiúra (sic) como qualquer ser humano normal” (MUNANGA, 2009, p. 43). Entretanto, esse processo é doloroso e envolve negação, negociação e afirmação das identidades no cotidiano das relações raciais.

Sobre se há diferenças entre ser negro/a e ser branco/a:

não tem muita diferença [...], pra mim é uma situação de igualdade, assim, que todas as pessoas devem tratar todas as pessoas iguais [...] (DZIKO, branco, estudante de Direito, 17.06.2019).

Interessante a visão do estudante branco Dziko quanto à situação de igualdade e sobre não haver diferenças entre os seres humanos. Concordo que deveria ser assim na “vida real”,

inclusive esta fala é, geralmente, utilizada para manter as estruturas desiguais, onde a ascensão é “preparada”, muitas vezes, aos/às brancos/as.

Quanto à importância dos/as estudantes negros/as terem representatividade, os “espelhos sociais”, segue uma narrativa emocionada:

[...] Fiquei pensando como seria minha vida na universidade se eu não tivesse encontrado o Coletivo Negro [...]. No dia que eu cheguei tinha uma faixa que dizia: “Bem-vindos negros e negras!”. Vou chorar... (pausa). [...] Vou me aproximar desse pessoal. Aí fui pro RU e lá tinha uma tenda do Coletivo, fazendo oficina de turbante [...]. Ter entrado no coletivo fez toda a diferença na minha vida, eu não sei como teria sido ter passado por situações de racismo que a gente passou no curso, como eu teria enfrentado [...]. Eu adoeci no curso, mas não me fragilizou a ponto de trancar como outros estudantes. [...] (ADANNA, negra, estudante de Psicologia, 17.06.2019).

É possível perceber a importância e o significado que a presença do Coletivo Negro Universitário (CNU) tem “fora do seu espaço”, ou seja, fora da sala onde acontecem os encontros desse grupo, pois foi o fato do CNU estar “fora do seu espaço reservado”, no Restaurante Universitário (RU), que a estudante negra Adanna conheceu e se aproximou dele, o que a fortaleceu. Ela se formou em 2019 e confirmou durante a escrita deste trabalho, em 2021, que está atuando como psicóloga. Contudo, apesar de ser positiva a atuação dos CNU's, não é suficiente, pois é preciso que os/as professores/as, gestores/as e os governos por meio de políticas públicas façam a sua parte para a permanência “saúdável” e êxito dos/as estudantes. Em relação à oficina de turbantes, fica evidente a importância dos CNU's como um grupo educador e fortalecedor das identidades negras, inclusive foi por isso que a estudante não adoeceu.

[...] Esse Coletivo [é] união que eles formam, fortalece as identidades, [...] principalmente a questão do cabelo [...] (AISHA, branca, professora de Psicologia, 11.07.19).

Os CNU's servem para unir e dar uma “oxigenada” nas relações e fazem com que as posições raciais, sociais etc., sejam repensadas e, algumas vezes, reestruturadas.

[...] Eu tinha uns problemas com o cabelo, sempre tentava deixar ele preso [...]. A minha aceitação foi difícil por conta dos comentários [...]. Aqui na universidade é normal ver pessoas com cabelo crespo, aceitando o cabelo como é (GYASI, negra, estudante de Engenharia Ambiental e Sanitária, 17.06.2019).

[...] Quando eu vou para o hospital fazer estágio, mantenho meu cabelo preso para também diminuir meu desgaste emocional [...]. Eu tenho observado cada vez mais estudantes negros assumindo o cabelo crespo, [...] homens e mulheres (ADANNA, negra, estudante de Psicologia, 17.06.2019).

[...] Aqui na faculdade as pessoas querem pegar [no cabelo] sem permissão e dão muita informação que são ofensivas, do tipo: é duro [...]. Agora, para as pessoas negras é uma questão de empoderamento, elas elogiam [...] é um processo que a gente se fortalece com essas trocas [...] (JAINEBA, preta, transexual, estudante de Ciências Sociais, 18.06.2019).

Parei de alisar [os cabelos] quando eu comecei a entrar nas discussões sobre as relações raciais (FOLUKE, preto, transexual, estudante de Ciências Biológicas, 19.06.2019).

As narrativas mostram que o ambiente universitário é fundamental para que os/as estudantes (re)construam as suas identidades e se sintam representados/as. O ambiente está transformando-se com mais estudantes que assumem e gostam do próprio corpo, situação percebida por meio do uso do cabelo crespo solto e natural. É importante demarcar que fazer transformações no cabelo do tipo: alisar, colorir, fazer tranças etc., nem sempre significa negar as identidades negras, mas apenas uma forma de mudança (GOMES, 2006), assim como outros grupos identitários também o fazem. Mas, os/as estudantes negros/as transexuais além do racismo, sofrem com os preconceitos de gênero.

Sobre ter diferença entre ser negro/a e ser branco/a na universidade:

[ser branco] é ser padrão. [...] É não precisar provar que é melhor ou bom também, muitas vezes já encontra portas abertas [...] (AYO, branco, estudante de Psicologia, 02.07.2019).

Sobre se o/a estudante branco/a mudaria alguma coisa em seu corpo:

acho tranquilo né. Acho que não mudaria nada. Acho que dá certo... (AISHA, branca, professora de Psicologia, 11.07.19).

estou feliz como sou, não mudaria nada (ONAEDO, branco, professor de Medicina, 21.06.19).

[...] gosto do meu corpo assim (DZIKO, branco, estudante de Direito, 17.06.2019).

As narrativas acima mostram que os/as brancos/as naturalizam para si as características tidas como “belas”, definidas socialmente, por meio de um “salário racial” (DU BOIS, 2003) pois proporciona, para tal grupo, vantagens materiais, simbólicas, psicológicas etc., realidade diferente dos/as negros/as que socialmente foram estigmatizados a partir da feiura (MUNANGA, 2009).

[...] A gente tem um outro professor do básico que é racista e está com mais de dezessete PAD's (Processo Administrativo Disciplinar) pra responder, e assim, não acontece nada com ele, acho que cortaram o salário dele, mas ele prega a raça ariana, é professor que traz choquinho pra dar em aluno. Ele fala mesmo, abertamente que é [...] contra negro [...] tomar o poder (ONAEDO, branco, professor de Medicina, 21.06.19).

O/a negro/a tem que ser “super-humano” (ANDREWS, 1998, p. 271) para enfrentar o racismo vindo de professores/as, inclusive para “resistir” à máquina de choque. É preciso que a universidade aja contra esses crimes, pois o silenciamento reforça o racismo, ainda mais num ambiente educacional.

Então, a presença das identidades negras na universidade é importante para a educação das relações raciais e para “oxigenar” tal instituição, sem esquecer-se das lutas históricas dos movimentos negros brasileiros para as diversas conquistas, inclusive das ações afirmativas com recorte racial. Para além do que já foi conquistado por tais grupos, é necessário que o Estado brasileiro e a sociedade como um todo ressignifiquem as consequências nefastas do racismo estrutural para que o país seja realmente democrático em termos de justiça social entre os grupos raciais. Assim, é preciso “transgredir” (HOOKS, 2017, p. 63) as barreiras visíveis e invisíveis impostas pelo racismo.

### **Considerações finais**

Diante da problemática: como se dá a dinâmica das relações raciais diante da presença maior dos/as negros/as na universidade? Percebe-se que a presença da estética negra, representado principalmente pelo cabelo crespo, solto e natural, tem servido para afirmações das identidades negras. A presença maior dos/as negros/as nas universidades gera reflexões sobre as desigualdades raciais e suas estruturas no país, haja vista também a presença e atuações dos coletivos negros que lutam por uma educação antirracista em diversos espaços na universidade e oportunizam afirmação de suas identidades negras.

Os estudantes brancos/as continuam com as suas vantagens raciais e, algumas vezes, conscientes disso. Enquanto a estrutura desigual e racista não for alterada, esta situação vai excluir mesmo dentro e/ou expulsar muitos/as estudantes negros/as das universidades.

Apesar do racismo ainda vigente, o contexto das ações afirmativas movimenta as relações raciais e, para além do acesso, fica evidente que a universidade (gestores, professores

etc.) em conjunto com as políticas públicas, precisam de mais ações para a permanência de forma positiva dos/as negros/as e para que esses/as consigam construir uma trajetória com justiça racial e social.

### Referências

- ANDREWS, George. **Negros e brancos em São Paulo: 1888-1988**. São Paulo: Edusp, 1998.
- DU BOIS, William. **The Souls of Black Folk**. Barnes & Noble, New York, 2003.
- FERREIRA, Bianca. **A sociologia de Raul Seixas**: a arte como espelho social de sua época. Dissertação (Mestrado). Belo Horizonte, UFMG, 2013. Disponível em: <[https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/BUOS-9LNFJL/1/disserta\\_\\_\\_o\\_\\_\\_bianca\\_final\\_mesmo.pdf](https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/BUOS-9LNFJL/1/disserta___o___bianca_final_mesmo.pdf)>. Acesso em: 10 set. 2019.
- GOMES, Nilma. **Sem perder a raiz**: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra. Belo Horizonte. Ed. Autêntica, 2006.
- HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática de liberdade. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2017.
- MINAYO, Maria. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 12<sup>a</sup> ed. São Paulo: Hucitec-Abrasco, 2010.
- MUNANGA, Kabengele. **Negritude**: usos e sentidos. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.
- RICHARDSON, Roberto. **Pesquisa social**: métodos e técnicas. São Paulo: Atlas, 1999.
- SAFFIOTI, Heleieth. **O poder do macho**. São Paulo: Editora Moderna, 1987.
- SANSONE, Lívio. **Nem somente preto ou negro**: o sistema de classificação racial no Brasil que muda. Afro-Ásia, 18(2), 1996, 165-187.